

o algoz de estrasburgo

charlotte de sor

free books



CHARLOTTE DE SOR

**O ALGOZ DE
ESTRASBURGO**

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS
ESTRANGEIROS

TERROR – HORROR -FANTASIA

Título: O ALGOZ DE ESTRASBURGO.

Autor: Charlotte de Sor (séc. XIX).

Tradutor desconhecido do século XIX. Fizeram-se adaptações textuais.

Fonte: *Museo Universal*, 1840.

Imagem da capa: Andrew Bukto/Wikimedia Commons.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Nossos Autores – vol. 58.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos da obra e da tradução: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* da Lei 9.610/1998).

Ano: 2018.

Sites recomendados:

<http://www.triumviratus.net/> <http://www.contosdeterror.site/>,
<http://www.contosdeterror.com.br/>

Sumário

O ALGOZ DE ESTRASBURGO.....5

SOBRE A OBRA29

O ALGOZ DE ESTRASBURGO

Numa tarde em que Napoleão estava no seu palácio de Malmaison, cercado de toda a sua família, o assunto recaiu sobre a princesa de Wurtemberg. O imperador então perguntou ao seu camarista que idade tinha o rei de Wurtemberg.

— Frederico Guilherme, senhor, tem setenta anos. Nasceu em 1736, casou em 1780 com a princesa Carolina de Brunswich¹, e enviuvou em 1788...

— Sim, enviuvou! — interrompeu o imperador. O tom com que ele proferiu estas palavras atraiu a atenção de todos os que estavam presentes. Seguiu-se um breve silêncio,

¹ Augusta Carolina Frederica Luísa de Brunsvique-Volfembutel (1764 — 1788).

que o imperador quebrou contando a seguinte história:

Aos 4 de outubro de 1788, quase pelas 8 horas da manhã, um homem se apresentou à porta de Dietrich, pretor de Estrasburgo. O criado, quando entrou no quarto onde estava seu amo, vinha pálido e aterrado.

— Que quer, Francisco?

— Senhor, alguém o procura.

— Quem é? Fale.

— É o verdugo.

— Que ele quer? Seja o que for, mande-o entrar.

O algoz de Estrasburgo era um homem muito superior àqueles que em outros lugares exercem o terrível ofício de carrasco. Era humano e bem-educado: tinha estudado cirurgia, e era perito na arte de

curar membros fraturados. Seus gratuitos serviços neste ponto lhe tinham granjeado alguma popularidade entre a classe indigente: tinha-se por ele mais compaixão do que desprezo. Contudo, a sua presença excitava quase sempre um invencível sentimento de terror. Quando foi introduzido à presença do pretor, observava-se em seu rosto certa expressão de gravidade maior do que de ordinário.

— Que tem a me dizer? — perguntou-lhe o pretor.

— Eu venho descarregar-me de um dever imperiosamente imposto pela minha consciência. Peço-lhe, senhor, que aceite a minha revelação, e que escreva o meu depoimento como narrarei. É algo de muita importância, e não ocultarei nenhuma circunstância, porque olho com a devida consideração todos os fatos da minha justificativa.

Estas observações preliminares excitaram a curiosidade do pretor. Imediatamente, abriu a sua carteira e se preparou para escrever.

O algoz começou a sua extraordinária narrativa nestes termos:

— Há quase uma semana, isto é, na noite de 6 do mês passado, estava eu em minha casa, nos subúrbios de Kiel, à margem direita do Reno. Era mais de meia noite. Eu tinha-me deitado, quando senti bater com força a porta. A minha velha criada desceu para abrir. Nenhum de nós se assustou, porque eu era frequentemente procurado a todas as horas da noite por pessoas pobres, que demandavam o socorro da minha arte, com a qual sou bastante feliz em poder ser útil aos meus semelhantes. Eu levantei-me também, e ia descendo as escadas, quando ouvi que a pobre velha altercava

com dois homens, cujos rostos estavam mascarados, e lhe apontavam uma pistola ao peito.

— Matem-me — dizia ela, mas poupem o meu amo.

— Nenhum mal será feito a ele. Ao contrário, seu amo será generosamente recompensado. Mas ele deve vir conosco imediatamente. A vida dele depende da sua condescendência.

Então um dos mascarados me viu, e no mesmo instante eles se lançaram sobre mim e me apontaram suas pistolas. No primeiro momento de susto, julguei que eles queriam vingar-se de alguma execução que eu houvesse feito por ordem do rei, e o impulso natural me obrigou a rogar-lhes que me não tirassem a vida.

— A sua vida não estará em perigo — disseram eles — se nos obedecer

pontualmente. Porém, se hesitar, a sua morte é certa. Pegue o seu melhor cutelo. Nós ataremos os seus olhos. Guarde o silêncio e nos siga.

A resistência era perigosa e inútil; submeti-me ao que de mim se exigia, e eu fui metido numa carruagem, com os olhos vendados e os dois mascarados a meu lado. Ouvi-lhes dizer à minha criada que a minha vida responderia pelo seu segredo sobre o que se passara. A carruagem partiu logo.

Eu ia na maior perplexidade: encomendei-me a todos os santos e comecei a calcular em que direção caminharíamos. Neste ponto, não tive os melhores resultados; porém, calculei que a nossa jornada teria durado de 18 a 20 horas, quando a carruagem parou. Fui cuidadosamente apeado e conduzido pelo braço por uma escada que, pelo eco das

passadas, me pareceu ser espaçosa. Paramos. Tiraram-me a venda e me encontrei num grande quarto. Era dia claro, mas o Sol estava a ponto de se pôr. Serviram-me uma magnífica refeição de pratos sofisticados, mas deram-me muito pouco vinho. Ao anoitecer, ordenaram-me que estivesse pronto a cumprir o meu dever de algoz, decapitando uma pessoa que tinha sido condenada à morte. Ainda que habituado, há muito tempo, ao penoso dever que a lei me impõe, quando isto me foi ordenado, um profundo horror me enfraqueceu. Recobrando, porém, a minha presença de espírito, recusei formalmente anuir sem as formalidades que as leis prescrevem em tais circunstâncias. Então uma voz, que ainda não tinha ouvido, me disse num tom da mais firme decisão:

— Faça o que é ordenado, senão o senhor pagará com a vida sem salvar a vítima.

Achei que seriam inúteis todos os meus esforços, e cedi à imperiosa necessidade. Peguei o meu cutelo. Lançaram-me um véu preto pela cabeça, e dois homens me agarraram pelos braços e me conduziram por uma correnteza de salas. Paramos numa maior: o véu me foi tirado, e vi um cadafalso elevado a alguns pés do chão. Um pano de veludo preto o cobria, e o chão imediato era coberto de uma espécie de serradura encarnada. Daí a poucos minutos, vi que arrastavam uma mulher para dentro da sala. Ela era alta, de linda figura e cabelo louro; tinha o rosto coberto com uma máscara; vinha vestida de veludo preto, e na cabeça uma touca de fumo, e trazia o vestido atado acima do tornozelo com uma corda de

retrós roxo. O seu pescoço vinha despido até os ombros, e era de uma alvura e delicadeza de pele admirável. Dois homens mascarados também a levantaram sobre o cadafalso: ela mostrava a maior resignação; nem um suspiro seu era escutado... nem fez a mais leve resistência; mas vi, com horror, ao aproximar-me dela, que trazia uma mordaga na boca. Ela inclinou a cabeça e colocou-a sobre o cepo.... Escuso dizer mais! Eu me arrependo da minha fraqueza, e mil vezes me tenho exprobrado a minha fatal condescendência! Confio, porém, que o céu me perdoará: eu sujeitei-me involuntário à imperiosa lei da necessidade. Não duvido de que a vítima seja uma pessoa muito ilustre, e não me admiraria ouvir dizer que todas as cortes da Europa tinham deitado luto.

Tendo concluído meu horrível ministério, fui reconduzido com o mesmo cerimonial ao primeiro quarto onde tinha estado. Achei a mesa de novo preparada, e várias garrafas de vinho sobre ela. Sentei-me por alguns minutos, mas o estado da minha alma não me deixou comer nada.

Depois fui reconduzido à minha casa da mesma maneira. Apearam-me e meteram-me nas mãos uma bolsa de duzentos luíses. Aqui a tem, senhor Dictrich. Faça deste dinheiro o uso que o senhor achar conveniente. Foi-me recomendado o mais inviolável segredo, fui ameaçado de que perderia a vida se o revelasse, e fui prevenido de que qualquer tentativa que fizesse para o descobrir seria inútil.

O pretor de Estrasburgo ouviu com o maior interesse e atenção esta trágica e

misteriosa narrativa. Recusou aceitar os duzentos luíses que lhe eram depositados em suas mãos.

Mas o algoz lhe redarguiu: “Se o senhor não quer receber este dinheiro, empregue-o em mandar rezar missas e socorrer os pobres.” Ele leu o seu depoimento, que assinou, e se retirou.

Logo depois, o pretor fechou este depoimento num sobrescrito, e o selou, remetendo-o confidencialmente ao barão de Breteuil, então presidente de ministros no gabinete francês.

Neste ponto, Napoleão se calou, olhando atentamente os seus ouvintes, como se investigando o efeito que esta história teria neles produzido. Este efeito foi muito poderoso: uma sensação geral, misturada de horror e admiração, e certa ânsia de curiosidade dominavam a todos os circunstantes.

Josefina foi a primeira a romper o silencio.

—Jesus! Bonaparte! Para que conta estas horríveis histórias? Faz por nos assustar!

Bonaparte sorriu-se e replicou-lhe:

—Josefina, ouça o fim, que não é menos interessante.

E depois, voltando-se para mim, me perguntou:

— Qual julga você seria o resultado da missiva confidencial enviada ao barão de Breteuil?

—Não o posso adivinhar, senhor.

—Pois eu lhe digo. Passadas duas semanas, Mr. Dietrich recebeu um ofício do governador de Estrasburgo: nele vinha inclusa uma carta do ministro Breteuil, concebida quase nestes termos: “Apresentei ao rei uma cópia do depoimento que o senhor me remeteu. Sua majestade me ordenou que lhe dissesse que é da sua vontade que o

indivíduo que depôs conserve a soma que lhe foi dada; e sua majestade lhe concede outra igual, sob a condição que se guardará o mais inviolável segredo sobre o acontecido.” Agora desvendarei os mistérios desta a ventura, que não são tão estranhos como a princípio parecem na história das cortes:

O duque de Wurtemberg contraiu segundas núpcias quase nove anos depois da morte de sua primeira mulher. No tempo da minha segunda campanha na Itália, uniu-se com Carlota Augusta Mathilde, princesa real da Inglaterra, e filha mais velha de Jorge III. Então era unicamente príncipe real de Wurtemberg, e sucedeu a seu pai em 19 de dezembro de 1797. Wurtemberg tinha feito causa comum com o império germânico contra a França; porém, o príncipe, sucedendo no trono ducal, se apressou a concluir a paz conosco. Escrevia-me muitas vezes, e as suas cartas eram sempre

concebidas nos termos mais amigáveis; e mantivemos entre nós uma regular correspondência até a minha partida para o Egito.

Napoleão calou-se, como receando falar com indiscrição de suas relações então existentes cota o duque de Wurtemberg; e, depois de uma pausa de alguns minutos, continuou assim:

—A primeira mulher do duque de Wurtemberg, mulher muito bela, foi acusada de olhar com vistas demasiado favoráveis para um jovem a serviço do príncipe. Fiado na benignidade que a princesa lhe mostrava, este rapaz tomou a liberdade de abandonar o serviço de seu amo, e mesmo deixar os seus estados sem sua permissão. Chegando à fronteira, apeou-se numa estalagem, onde mandou preparara a ceia, sentou-se à mesa. Então viu escrito num prato de louça de Dresde estas palavras: VOLTE OU TREMA. Ele voltou.

Chegando ao palácio, na primeira ocasião que se sentou à mesa, lhe apresentaram um copo de cristal com estas palavras em letras de ouro: PARTA OU TREMA. Teria feito bem se obedecesse a esta segunda determinação com tanta facilidade como obedeceu à primeira. Mas ele amava. E ficou.

Então o príncipe se dirigiu ao pai de seu criado e lhe apresentou documentos que atestavam, sem a menor dúvida, a existência de uma correspondência entre a princesa e seu filho.

— Pronuncia a sentença sobre o criminoso — lhe disse o príncipe.

Então o pai, sem proferir uma palavra, segundo se diz, tirou uma mão cheia de cinza da lareira junto à qual se aquecia e com ela traçou três letras: T — O — D (*Tod* em alemão significa morte.). O príncipe convocou um conselho a que

assistiram os principais membros do gabinete e vários parentes da princesa. Examinaram-se os documentos, que unanimemente foram achados de natureza assaz criminosa. Alguém se lembrou de um expediente certamente plausível, e com o qual as coisas se acomodariam sem motim: era o divórcio. Porém, um próximo parente da infeliz princesa se opôs a este sensato parecer e, recusando todos os meios de prudência, sustentou que o caso merecia um severo e pronto castigo. Esta opinião foi adotada.

Terminado o conselho, aquele que se tinha atrevido a falar a favor da princesa correu ao seu quarto a avisá-la de tudo, e de seu iminente perigo. Ofereceu-se a obter-lhe a fuga naquela mesma noite. Propôs-lhe conduzi-la à Escócia, onde estabeleceria a sua residência num castelo nas Highlands. Porém, acreditará alguém que a orgulhosa

princesa rejeitou tão úteis serviços? Alucinada por uma paixão que já não provinha de amor, mas de um furor licencioso, recusou abandonar o seu amante, e quis ela ser e fazê-lo vítima de sua indiscrição. O conde de C..., esse generoso cavalheiro que tinha mostrado tanto zelo em a proteger, entregou-a então à sorte: deixou-a.

O desgraçado amante habitava no palácio, e o seu quarto era no último andar do edifício. A porta dele abria-se para um longo corredor, por baixo do qual havia outro semelhante, e assim até ao andar mais baixo. Um horrível e singular plano foi concebido para a destruição desse rapaz. Arrancaram algumas tábuas do assoalho nestes corredores, exatamente por baixo umas das outras, e as tornaram a colocar em falso, de maneira que formavam uma sucessão de aberturas até o teto do quarto da

princesa, situado por baixo do último destes corredores. O infeliz, não tendo a menor ideia do precipício que se lhe abria debaixo de seus pés, à hora costumada ele ia a recolher-se a seu quarto, quando, a poucos passos da sua porta, o assoalho cedeu a seu peso e, despencando de uma formidável altura, caiu sobre o teto do quarto da princesa. O forro deste, se bem que intacto, ruiu pela força do impulso, e o miserável caiu despedaçado aos pés da sua desacordada amante!

Horrorosamente tocada como de um raio, ele se tornou por algum tempo insensível. Todos os criados, amedrontados pelo terrível estrondo, correram de tropel ao quarto da princesa. Todos se perdiam em conjecturas sobre a causa de tão trágico acontecimento: porém, os que eram sabedores do segredo, atribuíram o infortúnio ao estado ruinoso do piso, e os

corredores foram cautelosamente fechados até que o seu assoalho fosse de todo reparado. Por esta maneira, olhou-se este acontecimento unicamente como um desastroso acaso.

A princesa conheceu então a sorte que devia esperar, e foi então que se resolveu a fugir dos domínios de seu sogro. Comunicou sua intenção à sua principal camareira, cujo auxilio implorou. Esta agradeceu a confidencia de sua ama, assegurando-lhe que ele podia e queria salvá-la. Seu irmão pertencia à repartição da polícia, e com a ajuda de seus agentes seria fácil iludir as investigações de seus perseguidores. Ajustou-se que na seguinte noite a princesa e sua criada se evadiriam do palácio por uma passagem subterrânea que conduzia, por alguns antigos caminhos de abóbada, a uma casa isolada fora da cidade. Ali estaria pronta uma carruagem que

receberia a ambas. Certa de ter meio de se salvar, a infeliz princesa, estando refletindo com o mais amargo pesar sobre a sorte do seu amante, recebeu uma carta de seu marido, em que lhe pedia uma entrevista. Em lugar de anuir, tão somente deu ouvidos aos ditames de sua cólera e orgulho. Escreveu-lhe um bilhete nos seguintes termos:

“O senhor derramou o sangue de uma vítima inocente. Somente eu sou a culpada. Responderá pela sua morte na presença de Deus, a quem provavelmente terá também que responder por mim. Se se julgasse capaz de ser justo, eu me curvaria ao senhor como o meu juiz; mas estou demasiadamente convencida de que deseja ser não meu juiz, mas o meu algoz. Não quero vê-lo e que a vingança do céu caia sobre o senhor!”

Uma carta semelhante não podia deixar de exasperar os já irritados estímulos de um esposo ofendido. Chegou a noite. A princesa, depois de juntar seus diamantes e ouro, se retirou à hora costumada para o seu quarto; porém, logo que suas criadas se ausentaram, levantou-se e embrulhou-se numa comprida capa de seda, semelhante às que costumam usar as senhoras da classe média naquela parte da Alemanha. Esperava, com este disfarce, iludir as observações.

Deixando os quartos do palácio, a princesa e sua criada desceram por uma estreita escada, atravessando um longo corredor paralelo à cozinha. Alguns dos criados ainda estavam de pé, mas a princesa corajosamente continuou a caminhar.

Ainda restava atravessar uma longa galeria quando, ao abrir uma das portas, as chaves que a camareira levava lhe caíram da

mão; o estrondo assustou os fugitivos, mas felizmente só elas o tinham sentido. Tornaram a apanhar as chaves e seguiram o seu caminho. Entraram então numa espaçosa abóbada, pela qual penetraram até serem obstadas por uma porta fechada. Era a última porta que tinham que passar dentro das muralhas do castelo. Qual foi, porém, sua mortificação quando viu que nenhuma das chaves servia na fechadura!

Naturalmente, concluíram que esta chave devia ter caído juntamente com as outras, e que tinham omitido apanhá-la. Determinou-se, pois, que a camareira voltasse a procurá-la, e que a princesa esperasse pela sua volta. Ela ficou sozinha, em profunda escuridão. Muito tempo se passou, e a princesa ansiosamente esperava a aproximação dos passos da sua companheira, porém escutava em vão. O que poderia tê-la detido? Teria sido

surpreendida, ou teria atraído a sua ama? Não podendo já por mais tempo sofrer este penoso suspense, a princesa resolveu ir em procura da sua camareira. Mas como e onde acharia a porta da abóbada? O medo excessivo inspira frequentes vezes a coragem. Para achar a saída da abóbada, não pôde excogitar melhor método do que andar em linha reta até que suas mãos tocassem na parede; feito isto, conservou a mão encostada à parede, até ter chegado a uma abertura que lhe assegurasse ter alcançado a porta. Ela entrou num estreito corredor que se comunicava com a abóbada, e cautelosamente subia para evitar tropeçar sobre alguns fragmentos de pedra espalhados pelo chão. De repente, foi sobressaltada pelos passos que soavam por cima da sua cabeça, e um raio de luz penetrando por umas estreitas grades de ferro a fez num momento imóvel como uma estátua. O som de muitas vozes se deixou

ouvir, e em poucos instantes a princesa foi violentamente agarrada pelos dois braços, e arrastada do lugar onde estava gelada de terror. A violência dos seus inimigos a despertaram de sua insensibilidade; ela gemeu, lutou, e em voz alta implorou por socorro. Seus gritos não foram atendidos: ela foi brutalmente deitada por terra e amarrada de pés e mãos. Envolveram-na em uma capa de cetim preto, e lhe meteram uma mordança na boca. Desde esse momento, somente Deus ouviu os seus lamentos.

SOBRE A OBRA

“O Algoz de Estrasburgo” é um episódio do livro “Memórias do Duque de Vicenza”. Publicado em Paris por Alphonse Levavasseeur e Co., foi escrito por Charlotte de Sor, pseudônimo literário de Madame Eillaux, sobre a qual nada pudemos apurar. O duque de Vicenza, Armand-Augustin-Louis de Caulaincourt (1773 – 1827), militar e diplomata, foi um dos principais conselheiros do imperador Napoleão Bonaparte. Segundo Vincent Conin, biógrafo do imperador, o duque de Vicenza conheceu a romancista Madame Eillaux nas termas de Plombières-les-Bains, no ano de 1826. A escritora teria convencido o militar, então gravemente doente, a lhe mostrar algumas páginas de suas memórias manuscritas. Morto Caulaincourt em 1827, dez anos depois aparecia o livro “Souvenirs du Duc de Vincence” que, pretensamente baseado nas memórias do confidente de Bonaparte, tornou-se à época um sucesso editorial. A presente

tradução de “O Algoz de Estrasburgo”, de autor desconhecido, foi publicada na edição da revista “Museo Universal” (RJ) em 1840.